Ao se manifestar, um Espírito de pessoa viva poderia mudar de aparência?

“Durante a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio que lhe suplicava: ‘Venha à Macedônia e ajude-nos!’” (Atos 16,9)

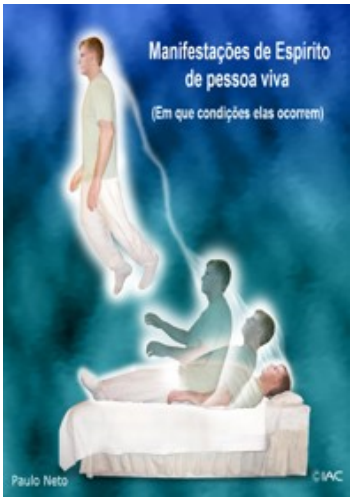
Certa feita, propusemos a um amigo que, se nos provasse ser possível um Espírito de pessoa viva manifestar-se com a aparência de alguma de suas personalidades anteriores, pensaríamos seriamente em aceitar que Chico Xavier (1910-2002) tenha sido Allan Kardec (1804-1869), porquanto o Mestre lionês se manifestou diversas vezes enquanto o médium pedroleopoldense ainda estava vivo. Eis imagem ilustrativa ([1]) que representa o que ele idealiza:



Recentemente, ele, tomando como base o item 123, do cap. VII, de ***O Livro dos Médiuns***, nos perguntou:

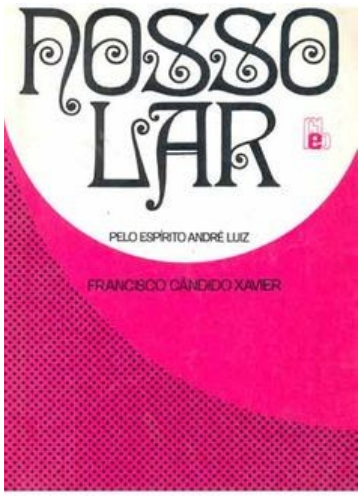
> "*Se o Espírito pode mudar a aparência do seu perispírito, por que não poderia fazê-lo quando, ainda encarnado, se encontrar momentaneamente desligado do corpo?*"

Em razão disso, resolvemos pesquisar, nas obras da Codificação Espírita, a possibilidade de tal ocorrência.



Primeiramente, devemos ressaltar que, conforme levantamos em nosso ebook ***Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em que condições elas ocorrem)*** ([2]), é necessário que ela esteja dormindo ou em êxtase, porquanto: "*o Espírito [de uma pessoa viva] não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo*" ([3]), o que não ocorrerá quando ela se encontra em estado de vigília.

Portanto, em estado de vigília, quando o Espírito está plenamente ligado às funções conscientes do organismo, não há condições para que se manifeste de forma independente.



Em ***Nosso Lar*** (1944), encontramos um relato bastante significativo: uma criança viva de três anos ([4]) é conduzida a uma reunião no plano espiritual para conversar com os seus familiares – D. Laura, Iolanda e Judite, esposa e filhas, respectivamente – que se encontravam nessa colônia espiritual. D. Laura, prestes a reencarnar, aguardava reencontrar-se com Ricardo, seu esposo, que já se encontrava aprisionado no corpo da criança. Entretanto, sua alma facilmente se emanciparia, facilitando o reencontro.

Vejamos alguns trechos desse episódio, que se inicia com D. Laura

falando:

– Amanhã à noite, André, espero igualmente por você. **Faremos pequena reunião íntima**. O Ministério da Comunicação **prometeu-nos a visita de meu esposo. Embora se encontre nos laços físicos, Ricardo será trazido até aqui**, com o auxílio fraternal de companheiros nossos. Além disso, amanhã estarei a despedir-me. Não falte.

[...].

Na espaçosa sala de estar, **reunia-se pequena assembleia de pouco mais de trinta pessoas**. A disposição dos móveis era a mais simples. Enfileiravam-se poltronas confortáveis, doze a doze diante do estrado, onde o Ministro Clarêncio assumira posição de diretor, cercando-se da senhora Laura e dos filhos. A distância de quatro metros, aproximadamente, havia **um grande globo cristalino, da altura de dois metros presumíveis**, envolvido, na parte inferior, em longa série de fios que se ligavam a pequeno aparelho, idêntico aos nossos alto-falantes.

[...].

– Estamos prontos; contudo, aguardamos a ordem da Comunicação. **Nosso irmão Ricardo está na fase da infância terrestre e não lhe será difícil desprender-se dos elos físicos**, mais fortes, por alguns instantes.

– Mas virá ele até aqui? – indaguei.

– Como não? – revidou o interlocutor. – Nem todos os encarnados se agrilhoam ao solo da Terra. C omo os pombos-correio que vivem, por vezes, longo tempo de serviço, entre duas regiões, espíritos há que vivem por lá entre dois mundos.

E, indicando o aparelho à nossa frente, informou:

– Ali está a câmara que no-lo apresentará.

– **Por que o globo cristalino**? – perguntei, curioso. – **Não poderia manifestar-se sem ele?**

– É preciso lembrar – disse Nícolas, atenciosamente – que a nossa emotividade emite forças suscetíveis de perturbar. **Aquela pequena câmara cristalina é constituída de material isolante**. Nossas energias mentais não poderão atravessá-la.

Nesse instante, foi Lísias chamado ao fone por funcionários da Comunicação. Era chegado o momento. Poder-se-ia começar **o trabalho culminante da reunião**.

Verifiquei, no relógio de parede, que **estávamos com quarenta minutos depois da meia-noite**. Notando-me o olhar interrogativo, disse Nícolas em voz baixa:

– Somente agora há bastante paz no recente lar de Ricardo, lá na Terra. Naturalmente, a casa descansa, os pais dormem, e ele, **em a nova fase, não permanece inteiramente junto ao berço**...

[...].

Às derradeiras notas da bela composição, **notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitoso-acinzentada**, apresentando, logo em seguida, a figura simpática de **um homem na idade madura. Era Ricardo**. Impossível descrever a sagrada emoção da família, dirigindo-lhe amorosas saudações.

O recém-chegado, após falar particularmente à companheira e aos filhos, fixou o olhar amigo em nós outros, pedindo fosse repetida a suave canção filial, que ouviu banhado em lágrimas.

Quando se calaram as últimas notas, falou comovidamente:

– Oh! meus filhos, como é grande a bondade de Jesus, que nos aureolou o culto doméstico do Evangelho com as supremas alegrias desta noite! Nesta sala temos procurado, juntos, o caminho das esferas superiores; muitas vezes recebemos o pão espiritual da vida e é, ainda aqui, que nos reencontramos para o estímulo santo. Como sou feliz!

A senhora Laura chorava discretamente. Lísias e as irmãs tinham os olhos marejados de pranto.

Percebi que o recém-chegado não falava com espontaneidade e não podia dispor de muito tempo entre nós. Possivelmente, todos ali mantinham análoga impressão, porque vi Judite abraçar-se **ao globo cris talino**, ouvindo-a exclamar carinhosamente:

– Pai querido, diga o que precisa de nós, esclareça em que poderemos ser úteis ao seu abnegado coração!

Observei, então, que Ricardo pousou o olhar profundo na senhora Laura e murmurou:

– Sua mãe virá ter comigo, em breve, filhinha! Mais tarde, virão vocês, igualmente! Que mais eu poderia desejar, para ser feliz, senão rogar ao Mestre que nos abençoe para sempre?

Todos chorávamos, enternecidos.

Quando o globo começou a apresentar, de novo, os mesmos tons acinzentados, ouvi Ricardo exclamando, quase a despedida:

– Ah! filhos meus, alguma coisa tenho a pedir-lhes do fundo de minh'alma! Roguem ao Senhor para que eu nunca disponha de facilidades na Terra, a fim de que a luz da gratidão e do entendimento permaneça viva em meu espírito!...

Aquele pedido inesperado me sensibilizou e surpreendeu ao mesmo tempo. Ricardo endereçou a todos saudações carinhosas e **a cortina de substância cinzenta cobriu toda a câmara**, que, em seguida, voltou ao aspecto normal.

O Ministro Clarêncio orou com sentimento e **a sessão foi encerrada**, deixando-nos imersos em alegria indescritível. ([5]) (grifo nosso)

O episódio descreve minuciosamente o ambiente preparado para a

manifestação: uma reunião íntima, organizada pelo Ministério da Comunicação, em que Ricardo seria trazido com auxílio de benfeitores espirituais. O cenário incluía um globo cristalino, conectado a aparelhos semelhantes a alto-falantes, destinado a isolar as forças emotivas dos presentes e permitir a materialização.

No momento culminante, já avançada a noite – quarenta minutos após a meia-noite –, o globo se cobriu de uma substância leitoso-acizentada, revelando a figura de Ricardo em idade madura. A emoção da família foi intensa, mas o manifestante não pôde permanecer por muito tempo, nem falar com plena espontaneidade, despedindo-se em seguida com palavras de fé e gratidão.

Esse episódio, embora seja um caso de manifestação de Espírito de pessoa viva, apresenta características que merecem atenção:

– O fenômeno ocorreu **no mundo espiritual**, não em ambiente terrestre.

– Tratou-se de uma **reunião íntima***, previ*amente preparada em que ocorreu uma materialização.

– Ricardo **foi levado por Espíritos**, não se deslocando por iniciativa própria.

– Houve o uso de aparelhagem especial (**globo cristalino**) para isolar energias e permitir a manifestação.

– O relato indica que, por estar na infância, **não lhe seria difícil desprender-se dos elos físico**, mas sugere que em outras fases isso poderia ser mais completo, devemos entender que, por coerência, há período e/ou momento em que é difícil para as almas se desprenderem;

– ***“a nossa emotividade emite forças suscetíveis de perturbar. Aquela pequena câmara cristalina é constituída de material isolante”***: confirma a existência de todo um aparato especial para a manifestação, significando que, em condições normais, a emotividade também emitiria forças suscetíveis de perturbação.

– ***“o trabalho culminante da reunião”***: algo bem especial aconteceria;

– ***“estávamos com quarenta minutos depois da meia-noite”***: disso podemos concluir que a possibilidade da criança estar, no momento, dormindo é bem grande, portanto, não é manifestação de pessoa viva em estado de vigília;

– ***“notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitoso-acinzentada”***: não há explicação sobre o que seria essa substância; porém, a nossa impressão foi a de ser o ectoplasma ou algo semelhante, considerando o que ocorre em reuniões de materialização de Espíritos;

– ***“apresentando, logo em seguida, a figura simpática de um homem na idade madura. Era Ricardo”***: é certo que houve alteração no perispírito do manifestante, que na Terra era uma criança e naquele momento se apresentava como adulto;

– ***“Percebi que o recém-chegado não falava com espontaneidade e não podia dispor de muito tempo entre nós”***: o que impedia o manifestante de falar com espontaneidade? Qual a razão de não dispor de muito tempo? Seria isso aplicado a todas as almas que se manifestam ou era específico àquele caso?

Diante de tudo o que aqui foi exposto, não nos parece prudente generalizar esse episódio como prova da possibilidade de manifestação do Espírito de uma pessoa viva em estado de vigília. Afinal, pelo próprio relato – “*quarenta minutos depois da meia-noite*” –, é praticamente certo que a criança estava dormindo naquele momento.

Encontramos em ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXV, “Evocações”, no item 284, “Evocação de pessoas vivas”, o seguinte:

> 44-a. *Quem pode nos evocar, se somos tão obscuros?*
>
> “É possível que em outras existências tenhais sido pessoas conhecidas nesse mundo ou em outros. É possível também que vossos parentes e amigos desse e de outros mundos também vos evoquem. Suponhamos que o teu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa. Pois bem! **Quando essa pessoa evocar seu pai, é o teu Espírito que será evocado e que responderá**.”
>
> 45. *Ao ser evocado, o Espírito da pessoa viva responde como Espírito ou com as ideias que tem no estado de vigília?*

> “**Depende de sua elevação**; porém, sempre julga com mais ponderação e tem menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos. É um estado semelhante.” ([6]) (itálico do original, negrito nosso)

O fato de responder como seu personagem de vida passada (pai) não nos leva a inferir que também assuma a aparência dele, uma vez que isso não foi informado. Certamente, todo o nosso passado está gravado em nós como Espíritos imortais, mas o acesso a essas memórias estará limitado à condição evolutiva do Espírito encarnado ou, como dito, “*depende de sua elevação*”.

Entretanto, julgamos, que o fato de responder como Espírito não implica, necessariamente, que a pessoa viva possa assumir a aparência de seu personagem da vida anterior. Portanto, acreditamos, que ainda não há informações suficientemente seguras na Codificação, para afirmar que isso possa ocorrer.

Na ***Revista Espírita 1861***, mês de agosto, artigo “Fenômenos psicofisiológicos – Das pessoas que falam delas mesmas na terceira pessoa”, encontramos a explicação de Allan Kardec a respeito de um médium que se enquadrava nesse caso:

> Entre os fatos citados, há um que parece bastante bizarro; é o do militar que falava na terceira pessoa do feminino, é a distinção das duas personalidades em consequência do desligamento do Espírito; mas há um outro, que o Espiritismo nos revela, e do qual é preciso ter conta, porque pode dar às ideias um caráter particular: **é a vaga lembrança das existências anteriores que, no estado de emancipação da alma, pode despertar, e permitir lançar um golpe de vista retrospectivo sobre alguns pontos do passado**. Em tais condições, o desligamento da alma jamais é completo, e **as ideias, se ressentindo do enfraquecimento dos órgãos, não podem estar muito lúcidas**, uma vez que não o são mesmo inteiramente nos primeiros instantes que seguem à morte. [...]. ([7]) (grifo nosso)

A conclusão, s.m.j., é que, nos casos de emancipação da alma, o encarnado pode recordar-se de existência anterior; porém, ele terá apenas uma vaga lembrança dela – o que comprometeria a sua manifestação com pleno acesso a seu arquivo mental, para dele “retirar”, por assim dizer, qualquer um de seus personagens anteriores.

Pelas considerações acima, fica claro – ao menos para nós – que a possibilidade é a do Espírito da pessoa viva ter apenas uma "vaga lembrança". Por isso, acreditamos ser totalmente inviável que alguém se lembre de tudo o que lhe aconteceu no passado, em alguma de suas experiências no corpo, a não ser que Espíritos superiores atuem nesse sentido, visando a educação moral de determinada pessoa. Ou seja, não se trata de algo indiscriminado.

Na ***Revista Espírita 1860***, mês de janeiro, há um interessante artigo intitulado "O Espírito de um lado e o corpo de outro", no qual Allan Kardec narra os diálogos que se estabeleceram durante a manifestação de uma pessoa viva – no caso, o Sr. Conde de R... C... – que se colocou à disposição para a realização de uma experiência. Destacamos uma das perguntas constante do diálogo ocorrido em sua primeira manifestação, datada de 23 de novembro de 1859:

> 34. **Tendes consciência de vossas existências precedentes**? – Muito confusamente: está ainda aí uma diferença que esqueci; depois do desligamento completo, que se segue à morte, as lembranças são sempre mais precisas; atualmente **são mais completas do que durante a vigília, mas não o bastante para poder especificá-las de um modo inteligível**. ([8]) (grifo nosso)

Acreditamos que esse trecho oferece elementos para se perceber a enorme dificuldade – ou mesmo impossibilidade – de acesso total às suas vidas passadas, de modo a encenar uma delas no presente, quando em estado de emancipação.

Em ***O Livro dos Médiuns***, capítulo "VI – Manifestações visuais", tópico "Ensaio teórico sobre as aparições", item 102, lemos:

> As aparições propriamente ditas ocorrem quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo de plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa, inicialmente como uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão desenhando. De outras vezes as formas se mostram claramente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se poder descrevê-las com precisão. As maneiras, o aspecto, são semelhantes aos que tinha o Espírito quando encarnado.

> **Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob aquela que melhor nos faça reconhecê-lo, se tal é o seu desejo.** Assim, embora como Espírito não tenha nenhum defeito corpóreo, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário para provar a sua identidade. E sopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como E sopo, por mais existências que tenha tido depois daquela, aparecerá feio e corcunda, com suas vestes tradicionais. ([9]) (grifo nosso)

Define-se, então, a possibilidade de um Espírito tomar a forma de uma de suas aparências anteriores. No entanto, essa afirmação se refere a Espíritos desencarnados, sem a interferência do corpo físico – o que não nos permite, simplesmente, estender tal faculdade aos Espíritos encarnados, uma vez que o corpo físico lhes impõe limitações.

Vejamos, agora, dois itens de ***O Livro dos Médiuns*** – um deles o que foi mencionado – lembrando que ambos constam do capítulo “VII – Bicorporeidade e transfiguração”, tratando de fatos relacionados a aparições de Espíritos de pessoas vivas.

> 122. Passemos ao segundo fenômeno, o da *transfiguração*. **Consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo**. E is um fato dessa natureza, cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne.
>
> Uma jovem de cerca de 15 anos gozava da singular faculdade de se transfigurar, isto é, **de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas**. [...]. ([10]) (itálico do original, negrito nosso)

Esse “*tomar todas as aparências de pessoas mortas*” é que se entende como transfiguração. É o que Allan Kardec, na sequência, explica, apoiando-se na teoria do perispírito:

> 123. A **transfiguração**, em certos casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, ao ponto de tornar quase irreconhecível a pessoa. Temo-lo observado frequentemente com alguns **sonâmbulos, mas, nesse caso, a transformação não é radical**. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. **No fenômeno com que nos ocupamos, há mais alguma coisa. A teoria do perispírito nos vai esclarecer**.

> **Está, em princípio, admitido que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências**; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseguintemente, a *opacidade*; que o **perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações**; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Figuremos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, passível se torna das mesmas modificações de que o seria se o corpo estivesse separado. Perdendo ele a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, ficar velado, como se mergulhado numa bruma. Poderá então **o perispírito mudar de aspecto**, fazer-se brilhante, se tal for a vontade do Espírito e **se este dispuser de poder para tanto**. Um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de fluidos, **imprimir a aparência que lhe é própria**, de tal sorte que o corpo real desapareça sob um envoltório fluídico exterior, **cuja aparência pode variar à vontade do Espírito**. E sta parece ser a verdadeira causa do estranho fenômeno e raro, cumpra se diga, da transfiguração. ([11]) (itálico do original, negrito nosso)

Allan Kardec parte do princípio de que o Espírito desencarnado pode dar a aparência ao seu perispírito que desejar; que, mediante modificação na disposição molecular, pode torná-lo visível, tangível e opaco. Deduz que o encarnado também pode operar sobre seu perispírito causando-lhe essas mesmas modificações. Contudo, observa que, nos casos dos sonâmbulos, a transfiguração não é radical.

Julgamos que ainda não há elementos suficiente para afirmar que uma pessoa viva possa modificar a aparência atual de seu perispírito para assumir a forma que teve em uma vida anterior – embora também não possamos dizer que a questão encerrada.

Por esse motivo, vamos recorrer à obra ***A Gênese***, também integrante da Codificação Espírita, para verificar se nela encontramos elementos que nos ajudem a esclarecer o problema. Iniciaremos pelo item 17 do tópico “Encarnação dos Espíritos”, do capítulo “XI – Gênese espiritual”, no qual se lê:

> O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. **Durante sua união com o corpo, serve de veículo ao pensamento do Espírito, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo**, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade **e para fazer que repercutam no Espírito as sensações produzidas**

> **pelos agentes exteriores**. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico. ([12]) (grifo nosso)

Assim, na emancipação da alma, o Espírito da pessoa viva ainda se mantém ligado ao corpo físico por meio do perispírito, que o mantém em funcionamento – ainda que condições mínimas – mas suficientes para assegurar-lhe a vida. É também através do perispírito que repercutem no Espírito as sensações produzidas por agentes exteriores.

Avancemos para o tópico “Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento”, do capítulo “XIV – Os fluidos”, onde, no item 14, encontraremos mais elementos:

> **Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais**, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas **empregando o pensamento e a vontade**. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizando com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. **É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.**
>
> Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; de outras, são produto de um pensamento inconsciente. **Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza**, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.
>
> **É assim, por exemplo, que um Espírito se torna visível** a um encarnado que possua a vista psíquica, **sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora ele haja tido, depois dessa época, muitas encarnações**. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça, o que não significa de modo algum que haja conservado essa aparência. Certamente, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que ocorre é que, **retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências**, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro, e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.
>
> Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um

> lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste. ([13]) ([14]) (itálico do original, negrito nosso)

Aqui, é clara a possibilidade de um Espírito desencarnado tomar a aparência que teve em qualquer de suas vidas anteriores, com o objetivo de se fazer reconhecer. No entanto, a nossa questão permanece: o Espírito de uma pessoa viva também poderia fazer o mesmo?

A ausência de menção a essa possibilidade na explicação pode ser interpretada de duas formas: como uma negativa – ou seja, que não pode – ou simplesmente como uma omissão, indicando que o tema não foi abordado. Assim, permanecemos na incerteza.

Seguindo em frente, destacamos do tópico “Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo. Sonhos”, o item 23, no qual se lê:

> **Embora, durante a vida, o Espírito se encontre *preso* ao corpo pelo perispírito, não se acha tão escravizado a ponto de que não poder alongar a cadeia que o prende e transportar-se a um ponto distante, seja na Terra, seja no espaço**. Só a contragosto o Espírito permanece ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade, ao passo que a vida corpórea é a do servo preso à gleba.
>
> O Espírito, portanto, **sente-se feliz em deixar o corpo**, como o pássaro ao deixar a gaiola; **aproveita todas as ocasiões para dele se libertar, todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação**. É o fenômeno designado como *emancipação da alma*, **o qual se produz sempre durante o sono. Toda vez que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende**. (*O Livro dos Espíritos*, Livro II, cap. VIII.)
>
> Nesses momentos o Espírito vive da vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas da vida vegetativa; **acha-se, em parte, no estado em que se encontrará após a morte; percorre o espaço, conversa com os amigos e outros Espíritos, livres ou *encarnados* como ele**.
>
> **O laço fluídico que o prende ao corpo só por ocas ião da morte se rompe definitivamente**; a separação completa somente se dá por efeito da extinção absoluta da atividade vital. **Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente chamado à sua prisão, desde que a sua presença aí se torne necessária**. Ele, então, retoma o curso da vida exterior de relação. **Por vezes, ao despertar, conserva das suas peregrinações uma**

> **lembrança, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho**. Quando nada, traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira. ([15]) (itálico do original, negrito nosso)

Algumas colocações elucidam pontos que anteriormente deixamos, propositadamente, sem explicação. O que nos chamou a atenção foi o fato de que, durante o sono, o encarnado – mesmo em estado de emancipação da alma – nem sempre conserva a lembrança do que lhe aconteceu nesse estado.

Se, como demonstrado, não há emancipação da alma com o encarnado em estado de vigília, então, diante disso, podemos concluir que, nessa condição, não terá meios de agir conscientemente no mundo espiritual, tampouco de escolher onde se manifestar ou de guardar lembrança de possíveis – ou talvez melhor dizer, impossíveis – diálogos com encarnados.

Ainda em ***A Gênese***, capítulo "XIV – Os fluidos", tópico "Aparições. Transfigurações", item 37, lê-se:

> Como o perispírito é o mesmo, tanto nos encarnados, como nos desencarnados, **um Espírito encarnado**, por efeito completamente idêntico, pode, num momento de liberdade, aparecer em ponto diverso do em que repousa seu corpo, **com os traços que lhe são habituais e com todos os sinais de sua identidade**. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos. ([16]) ([17]) (grifo nosso)

A expressão "*pode aparecer*" suscita uma dúvida: estaria ela indicando uma possibilidade eventual, sujeita a condições específicas, ou implica que o fenômeno ocorre sempre que há liberdade do Espírito: Por ora, não conseguimos desvendar com precisão esse ponto.

Há algo que, quem sabe, possa contribuir para a solução do nosso problema. Encontramo-lo em Léon Denis (1846-1927) e Gabriel Delanne (1857-1926), reconhecidamente destacados estudiosos do Espiritismo no tempo de Allan Kardec, com vários livros publicados.

> a) ***Depois da Morte*** (1890), Léon Denis:

> **O perispírito faz, assim, o papel de um molde, fluídico, elástico, que empresta sua forma à matéria**. Daí decorrem, na maioria, as condições fisiológicas do renascimento. As qualidades ou os defeitos do molde reaparecem no corpo físico, que é apenas, na maioria dos casos, uma feia e grosseira cópia do perispírito. ([18]) (grifo nosso)
>
> A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. **É o perispírito que assegura a manutenção da estrutura humana e dos traços da fisionomia, e isso, em todas as épocas da vida, do nascimento até a morte**. Faz, assim, o papel de um molde compressível e expansível, sobre o qual a matéria terrestre incorpora-se. ([19]) (grifo nosso)
>
> b) **Evolução Anímica** (1895), Gabriel Delanne:
>
> Precisamos recorrer ao perispírito, pois ele é que **contém o desenho prévio, a lei onipotente que servirá de regra inflexível ao novo organismo**, e que lhe assinará o lugar na escala morfológica, segundo o grau de sua evolução no embrião que se executa essa ação diretiva. [...]. ([20]) (grifo nosso)

Aqui vemos que o perispírito é o molde do corpo na nova encarnação – ideia também defendida por alguns estudiosos como Dr. Ary Lex, Hermínio C. Miranda, dr. Jorge Andréa e Herculano Pires. Essa informação é confirmada por diversos espíritos, entre os quais: Camilo (médium Yvonne A. Pereira), Emmanuel (médium Chico Xavier); Joanna de Ângelis (médium Divaldo P. Franco) Espírito Álvaro (médium Marcial Jardim).

Talvez a novidade esteja no fato de que, segundo Léon Denis, o perispírito, também assegura a manutenção da estrutura do corpo humano e dos traços da fisionomia (aparência) durante toda a vida do encarnado.

Diante disso, estamos inclinados a considerar improvável que uma pessoa viva possa modificar a aparência de seu perispírito para se manifestar com uma outra aparência. Além de não possuir conhecimento suficiente para realizar tal alteração, é possível que isso cause algum transtorno ao corpo físico, do qual o perispírito é o modelo exato e com o qual se liga célula a célula.

E, pensando bem, o fato de ser possível para alguns não significa, necessariamente, que o para todos. Por exemplo: o transplante de órgãos é um procedimento cirúrgico que nem todos os médicos estão aptos a realizar –

apenas aqueles em especialização na área. Da mesma forma, os encarnados não teriam condições de realizar tudo o que os Espíritos desencarnados são capazes de produzir.

E, voltando a Gabriel Delanne, vejamos algo que consta em ***A Alma é Imortal***. Após mencionar vários casos de aparições de Espíritos de pessoas vivas, ele concluiu, objetivamente:

> Em todos os exemplos acima citados, **a forma visível da alma é cópia absolutamente fiel do corpo terrestre. Há identidade completa entre uma pessoa e o seu duplo**, podendo-se afirmar que esta semelhança não se limita à reprodução dos contornos exteriores do ser material, pois que alcança até a íntima estrutura perispirítica, ou, por outra: todos os órgãos do ser humano existem na reprodução fluídica. ([21]) (grifo nosso)

Julgamos que a forte e irresistível interação entre o perispírito e o corpo físico de um encarnado não oferece condições para que, nas manifestações do Espírito que o anima, sua cópia perispirítica tome alguma outra aparência que não seja a do corpo atual.

Por ser extremamente oportuno, trazemos estas ponderações de Ernesto Bozzano (1862-1943), constantes de seus comentários dos “Casos X e XI” do livro ***Impressionantes Fenômenos de Transfiguração*** (1934) ([22]):

> Do ponto de vista da interpretação espírita dos fatos, mostra-se sem dúvida notável a primeira manifestação do defunto por um médium que jamais o conhecera e que ignorava o seu semblante: circunstâncias de fato estas que induzem a concluir que **o fenômeno da transfiguração** do rosto da mesma no da entidade não poderia, desta vez, **atribuir-se às “faculdades modeladoras” da subconsciência**.
>
> Neste ponto parece indispensável que eu me **detenha em examinar o assunto nos limites que circunscrevem os denominados “poderes criadores” da subconsciência humana e isto com o fim de eliminar algumas opiniões errôneas a propósito**, as quais não são apenas compartilhadas por nossos opositores, mas, sob certos aspectos, **também pelos propugnadores da hipótese espírita**. Entre estes últimos há, de fato, quem admite que os “espíritos dos defuntos” estão em condição de tomar a “forma fluídica” ou a “forma materializada”, animada e inteligente, de outro defunto, mistificando de tal forma os vivos, enquanto os opositores sustentam que o subconsciente do médium é capacíssimo de criar fluidicamente ou materializar fantasmas animados e inteligentes de

defuntos por ele conhecidos em vida, ou de defuntos também pelo médium desconhecidos, mas conhecidos de algum dos presentes (clarividência telepática ou telemnésia).

Ora, tudo concorre para demonstrar que **estão em erro tanto os nossos antagonistas quanto certos espíritas** já que **a análise comparada dos fatos demonstra, ao contrário, que os "espíritos encarnados" como os "desencarnados" não estão em condições de exteriorizar ou de reproduzir outra forma fluídica ou materializada, animada e inteligente, que não a sua**.

Não há quem não veja quanto se mostra teoricamente importante tal afirmação, da qual me apresto em demonstrar experimentalmente a validade, recordando antes de tudo que Gabriel Delanne já a havia revelado e repetido numerosas vezes. Assim, por exemplo, no 2º volume da sua obra "*Les apparitions materialisées dos vivants et des morts*" (pág. 31.8), observa:

> "Existe um incidente que parece confirmar a hipótese de que o espírito tenha o poder de modificar o 'corpo espiritual' e isto até o ponto de conferir ao mesmo uma aparência radicalmente diversa da sua própria. Ora, ainda uma vez se devem examinar a fundo os fatos, se não se quiser perder-se atrás de uma falsa pista. **É verdade que o espírito desencarnado pode à sua vontade retomar uma das formas que teve, ao voltar à Terra**, reaparecendo materializado, seja como era no momento da morte, seja como era em outra época da sua vida. Mas, de assumir a fisionomia de outro se interpõe um abismo e eu **não conheço exemplos de espíritos que, voluntariamente, se tenham transformado até tomar o semblante de outro espírito de defunto**."

Assim falou Delanne, mas, se teve a intuição da verdade, não se deteve em comentar por quais considerações científicas a afirmativa de tal verdade se mostra legitimamente válida.

Apresso-me, pois, a salientar como isto serve de base para uma prova por analogia fundamental e formidável, porquanto versa sobre **processos biológicos e morfológicos que determinam a organização dos seres vivos, processos que se resumem no grande fato de que preside a origem da vida uma misteriosíssima "força organizadora"**, imanente em todos os seres vivos e diversa em cada um deles, a qual, no plano da existência encarnada, age ocultamente dos seres que vai plasmando.

Tal sendo a lei, daí se infere que, se o espírito sobrevive à morte do corpo, então também a "força organizadora" é uma faculdade do espírito, deve, por sua vez, sobreviver à morte do corpo; e, assim sendo, dever-se-á reconhecer que nos fenômenos das "transfigurações", das "materializações" e das "fotografias transcendentais", quando resultam de natureza espírita, **é a mesma "força organizadora" plasmadora dos seres vivos, aquela que retoma automaticamente as próprias funções não apenas estimulada pela vontade do defunto** sem que necessite aí de pressupor uma ação direta, intencional, em tal sentido, do próprio defunto, **assim como a mesma "força organizadora" age automaticamente na organização e plasmação dos seres vivos sem que precise aí ainda**

do concurso intencional dos seres vivos que essa vai plasmando.

E agora chegamos às conclusões: Do exposto resulta que, nos casos em que **o automatismo da "força organizadora"** se mostra de natureza subconsciente ou de natureza anímica, **o médium não poderá fazer outra coisa senão reproduzir a própria forma** exteriorizada, materializada ou fluídica, animada e inteligente, assim **como existia em qualquer época da sua vida**, isto é, **não poderá jamais tomar o semblante animado e inteligente de uma terceira pessoa**, visto que se é verdade, como indubitavelmente é verdade, que a "força organizadora" age automaticamente, **então isto equivale dizer que essa tem o poder de *reproduzir* e não o de *criar***. E, ao contrário, nos casos em que o automatismo se mostra de natureza extrínseca ou espírita, **o defunto comunicante não poderá fazer outra coisa senão reproduzir, por sua vez, a própria forma materializada ou fluídica, animada e inteligente, tal como existia em qualquer época da sua vida**, e **jamais reproduzir a forma animada e inteligente de outro espírito**, porque, repito, a "força organizadora", por ser um automatismo, *reproduz* e não *cria*, o que, se se notar bem, é o contrassenso invariável de qualquer forma de automatismo.

Resulta daí que estes simples, mas inabaláveis, argumentos de fato bastam por si sós para demonstrarem que **a hipótese por mim defendida parece irrefutável, visto que, se se trata de um processo automático**, então é verdade que tal automatismo não poderá fazer outra coisa senão reproduzir formas e rostos plasmados automaticamente e nunca criar novos, porquanto **criar novos subentende-se um processo ativo e intencional, e já não passivo e automático**.

É, pois, evidente, no que se refere aos fenômenos de materializações de fantasmas e rostos animados e inteligentes, que **são estes os limites em que deverão ser circunscritos os poderes modeladores do espírito humano, encarnado ou desencarnado**, limites impostos pelos fatos de que **o pensamento e a vontade não têm poder dirigente sobre a misteriosíssima "força organizadora" e criadora das "formas arquétipos" individuais, "força organizadora" que se identifica com a "Ideia diretriz" pressentida por Claude Bernard, como se identifica com a teoria do "impulso vital criador" de Bergson e com a outra teoria análoga de Geley, sobre a existência de um "dinamismo vital organizador" posto nas fontes da vida**, ao passo que tudo concorre para fazer presumir que, na manifestação de tal mistério imperscrutável do ser, nós assistimos ao manifestar, nos mundos, de um atributo da imanência divina do Universo.

Vemos, em conclusão, que o pensamento e a vontade *teriam ao contrário poder diferente* no vasto campo da natureza inanimada, vale dizer, no domínio das criações puramente plásticas ou artísticas. Isto posto, e tornando aos fenômenos de transfiguração, concluiremos observando que se é verdade, como indubitavelmente é verdade, que **as considerações expostas provam que os "espíritos encarnados" e os "desencarnados" não têm poder dirigente sobre a modalidade pela qual funciona automaticamente a "força organizadora" e**

> **plasmadora da Vida nos mundos, então quando se obtém um rosto radicalmente diverso do semblante do médium, se deverá inferir que a "forma organizadora" em ação não é a do médium, mas uma outra a esse extrínseca**. ([23]) (grifo nosso)

O ponto fundamental das explicações de Ernesto Bozzano, apoiadas no pensamento de Gabriel Delanne, é que os Espíritos, ao se manifestarem reproduzem, reproduzem apenas a sua própria aparência, uma vez que a chamada "força organizadora", que entendemos ter relação direta com o perispírito, atuará por puro automatismo.

Lendo a obra ***Recordações de Chico Xavier***, de autoria de R. A. Ranieri (1920-1989), encontramos este trecho que consideramos relevante:

> **Chico** possui todas as qualidades mediúnicas: psicografia, vidência, clarividência, incorporação, desprendimento, transporte, materializações, etc.
>
> **Enquanto escreve, seu espírito desprende-se do corpo e permanece na sala, no plano espiritual, conversando com outros espíritos, ou recebendo instruções**; nessa hora pode estar recebendo, como já ocorreu, mensagens em duas línguas diferentes, inglês e francês, fato relatado pelos jornais e por um escritor espírita, se não nos enganamos, Carlos Imbassahy. ([24]) (grifo nosso)

Se Chico Xavier, temporariamente, se desliga do corpo e seu Espírito – que se encontra mesmo local onde está seu corpo – mantém conversação com desencarnados, isso significa, então, que ele conserva a aparência da atual reencarnação, e não a de Allan Kardec.

Se, como nos informa R. A. Ranieri, Chico Xavier "*Trabalha[va] desde as primeiras horas da manhã até a noite e a nova madrugada e quando vai para casa, às vezes, duas a três horas da manhã, ainda vai ver alguma coisa...*" ([25]), lhe restaria pouquíssimo tempo para manifestar-se em estado de emancipação da alma, mesmo durante o sono.

O Espírito de pessoa viva não se manifesta em estado de vigília; a impossibilidade disso acontecer está demonstrada na pesquisa que realizamos e já mencionamos, a qual, novamente, recomendamos como complemento ao presente estudo.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

out/2015

Referências bibliográficas:

BOZZANO, E. *Impressionantes Fenômenos de "Transfiguração"*. (Digital) Ebook Espírita, 2024.

DELANNE, G. *Evolução Anímica*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860.* Araras, SP: IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861.* Araras, SP: IDE, 1993.

RANIERI, R. A. *Recordações de Chico Xavier*. Guaratinguetá, SP: Edifrater, 1997.

XAVIER, F. C. *Nosso Lar.* Rio de Janeiro: FEB, 1995.

Internet:

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Ocorrem)*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook Acesso em: 11 set. 2026.

1 Imagem ilustrativa criada pelo ChatGPT em 11.09.2026.

2 SILVA NETO SOBRINHO, *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Ocorrem)*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook

3 KARDEC, O *Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 284, p. 315.

4 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 118.

5 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 263-269.

6 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item284, p. 316.

7 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 227-228.

8 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 15.

9 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 102, p. 115.

10 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VII, item 122, p. 132.

11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VII, item 123, p. 132-133.

12 KARDEC, A Gênese, cap. XI, item 17, p. 181-182.

13 Nota da transcrição: *Revista Espírita*, junho de 1859. O livro dos médiuns, 2ª Parte, cap. VIII.

14 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, item 14, p. 240-241.

15 KARDEC, *A Gênese,* cap. XIV, item 23. p. 246-247.

16 N.T.: Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista espírita* de dezembro de 1858; fevereiro de 1859; agosto de 1859; novembro de 1860.

17 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, item 37, p. 254.

18 DENIS, *Depois da Morte*, p. 368.

19 DENIS, *Depois da Morte*, p. 250.

20 DELANNE, *Evolução Anímica*, p. 39.

21 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 114.

22 A Editora Eco publicou o livro "***A Morte e os Seus Mistérios***", tradução e prefácio do Dr. Francisco Klörs Werneck (1905-1986), no qual foram inseridas estas três monografias de Ernesto Bozzano: "*Extraordinários fenômenos de transfiguração*", "*Marcas e impressões de mãos de fogo*" e "*Visão panorâmica ou memória sintética na iminência da morte*". (orelha da contracapa)

23 BOZZANO, *Impressionantes Fenômenos de "Transfiguração"*, p. 34-38.

24 RANIERI, *Recordações de Chico Xavier*, p. 92.

25 RANIERI, *Recordações de Chico Xavier*, p. 104.